

BLECAUTE

Transtornos abalam rotina do brasiliense

A falta de energia em vários locais do Plano Piloto e cidades-satélites pegou muita gente de surpresa. Quem não acordou antes das 8h teve que enfrentar uma ducha fria ou ir para o serviço sem tomar banho. A vitamina de frutas foi substituída, as crianças não puderam ver o programa da Xuxa, e o corte de energia provocou ainda um aumento de exercícios físicos dos moradores de prédios com elevadores. A bancária Adélia Silva Guimarães, de 40 anos, foi uma das vítimas da situação, ficando presa durante quase meia hora no elevador social do seu prédio na 108 Sul, ontem pela manhã.

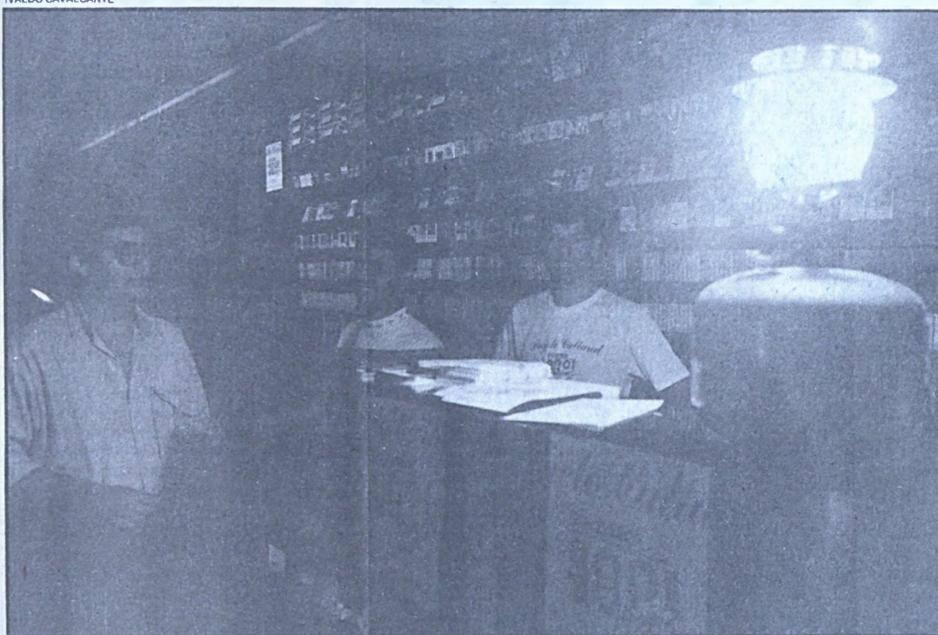
Adélia saiu do seu apartamento por volta das 7h45 e, ao acionar o elevador não conseguiu chegar até o térreo, ficando presa entre o terceiro e segundo andares. Ela conta que se apavorou e começou a gritar por socorro. Só conseguiu sair após a ajuda do zelador e de moradores do prédio, que tiraram a porta do terceiro andar com a chave de emergência. "Além dos transtornos caseiros, este corte de energia causou o maior susto da minha vida. Minha impressão era que

nunca conseguiria sair dali, tamanha falta de ar e escuridão", comenta a bancária.

A queda de energia de ontem também transformou a rotina da cabeleireira Graziela Moreira dos Reis. Ela que mora com um sobrinho de 11 anos num apartamento da 704/705 Norte não conseguiu trabalhar, pois no salão de beleza também não tinha luz. "Esta foi uma folga que não estava nos meus planos. Eu não recebo um salário, vivo do meu trabalho em cada serviço", diz Graziela. No seu apartamento de um quarto o maior empecilho era cozinhar, pois a cozinha além de pequena, não possui janela. "O jeito é deixar a porta da sala aberta, mesmo correndo o risco de ser assaltada. Até mesmo para sair do prédio está difícil, já que as escadas dependem de luz artificial. O jeito é apelar para as velas", comenta a cabeleireira.

Quem também não gostou da folga causada pela falta de energia foi a doméstica Iêda Pereira Gomes, que trabalha em uma casa na 705 Norte. "O serviço se acumula todo. Quando voltar a luz tenho que fazer tudo de uma só vez".

IVALDO CAVALCANTE



Recorrer a lâmpões foi a única alternativa dos lojistas que puderam abrir seus estabelecimentos

Trânsito fica confuso sem sinalização

A cautela foi a maior arma dos motoristas diante da falta de eletrificação que inviabilizou o funcionamento dos semáforos em Brasília. Ontem apenas os sinais próximos aos hospitais do Plano Piloto e na maioria das cidades-satélites estavam acesos e em muitos cruzamentos não havia sequer policiamento controlando o trânsito da área. Segundo o gerente de engenharia do Detran, José Lima Simões, todas as ocorrências foram comunicadas à central da Secretaria de Segurança Pública e a maior dificuldade era realmente os pontos de fluxo mais intenso no Plano Piloto e nas satélites.

Simões explica que por determinação da própria Secretaria de Segurança Pública, o efetivo do Detran, hoje em torno de cem agentes, fica responsável pela parte de fiscalização de trânsito. As outras atribuições do controle do trânsito ficam por conta do efetivo da Polícia Militar, como no caso dos semáforos. "Os agentes do Detran só agem em situações emergenciais, até a chegada de uma patrulha da PM", afirma. O gerente ressalta que até o momento não foi montado qualquer esquema alternativo de atuação dos agentes do Detran, "nosso efetivo é pequeno", mas que juntamente com a comunicação o órgão tem informado à central os pontos mais críticos da cidade.

No Plano Piloto a falta de energia atingiu os principais cruzamentos tornando lento o fluxo no Setor Comercial Sul, setores bancários Sul e Norte, nas avenidas W-3 e L-2 Norte e trechos da L-2 Sul, Conjunto Nacional e Conic. O centro de Taguatinga também ficou sem semáforos, bem como as principais avenidas de Ceilândia.

Até ministro teve de subir escadas

A falta de energia elétrica deixou a maioria dos funcionários públicos sem ter o que fazer e alguns aproveitaram os momentos ociosos para colocar em dia os afazeres de casa. Nos ministérios, até os ministros tiveram que subir as escadas para chegar aos gabinetes, que geralmente se encontram no oitavo andar dos prédios. Apesar de existir geradores nos edifícios, em quase todos os departamentos faltava energia, paralisando computadores, telex e até telefones que funcionam ligados a PABX.

A cena em todos os ministérios era a mesma durante quase todo o dia — elevadores parados, corredores escuros e muita gente agrupada conversando para passar o tempo, já que ninguém foi dispensado e mesmo sem ter o que fazer teve que marcar presença. Alguns órgãos, devido à paralisação dos computadores ficaram com os serviços atrasados,

como o departamento que lida com seguro-desemprego, no Ministério do Trabalho. No Ministério do Exército, alguns projetos em andamento permaneceram parados até a volta da energia, por volta das 15h20 em quase toda a cidade.

De acordo com o chefe da Assessoria de Comunicação Social do Ministério do Trabalho, Francisco Backer o ministro Antonio Rogério Magri subiu as escadas duas vezes até o seu gabinete, no oitavo andar. Por acreditar que o blecaute tinha sido intencional, Magri afirmou, segundo Backer, que vinha mantendo conversação com o Comando Nacional dos eletricitários, buscando uma proposta de negociação, mas a partir de agora suspenderá as intermediações entre trabalhadores e o setor governamental. Magri ressalta que o ato dos grevistas foi contra a população e não contra o Governo.

Comércio vive um dia de incertezas

O comércio viveu um dia como nunca se viu, nem mesmo pelos comerciantes mais antigos, com 20 anos de experiência. Estabelecimentos fechados e empregados do lado de fora. A situação foi mais caótica nos shoppings centers, onde a determinação da administração aos lojistas era ficar a postos para o caso de a energia voltar a qualquer momento. Em todos os shoppings a informação fornecida pela CEB era a mesma: a luz poderia voltar a qualquer momento, como poderia não voltar.

A segurança foi redobrada apenas na atenção dos vigilantes, nos diversos centros comerciais, mas a quantidade permaneceu a mesma diante do blecaute inesperado. Sob o aspecto da segurança, a situação foi mais grave no Venâncio 2000. Neste shopping, a segurança armada foi desativada,

em vista do custo muito alto, e substituída pela segurança desarmada que, "outro dia, assistiu inerte à briga entre dois mendigos", contou um lojista, revoltado com o proprietário do prédio, Antônio Venâncio, a quem atribui a iniciativa.

ATRASSO

No Venâncio 2000, a situação só não foi pior porque a falta de energia, que durou cerca de 30 minutos, voltou no momento do comércio abrir — por volta das 9h. Com isso, algumas lojas que dependem totalmente de energia elétrica, como as que funcionam no subsolo, abriram com um pouco de atraso, sem maiores consequências. Mas nos maiores shoppings de Brasília, o blecaute foi total durante toda a manhã. Só puderam abrir as portas os estabelecimentos que

não dependem de energia para nada. Alguns mais insistentes funcionaram à meia luz e outros quase no escuro.

Foi o caso de uma lanchonete, cujo proprietário informou que não arredaria pé do caixa enquanto tivesse uma só empadinha na vitrine. O almoço também saíria normalmente, já que para esquentar a comida ele dependia apenas do gás.

No Conjunto Nacional, a determinação da administração do shopping aos comerciantes foi para que eles permanecessem a postos até às 17h, já que a luz poderia voltar a qualquer momento. De acordo com o superintendente José Pires, os geradores de energia de emergência possuíam autonomia para duas horas apenas, e sequer foram acionados, já que não havia previsão de retorno do fornecimento.

CEB ativa duas unidades geradoras

Para reforçar o fornecimento de energia elétrica no Distrito Federal, a Companhia de Eletricidade de Brasília (CEB) paralisou, ontem, os serviços de desassoreamento da tomada de água e limpeza das grades de retenção de entulho na Barragem do Paranoá e ativou duas unidades geradoras de energia.

Segundo o engenheiro Hamilton Chiarini, gerente da Divisão de Manutenção do Sistema, da CEB, as unidades do Paranoá acrescentaram mais 18 MW de energia, o que representa uma carga equivalente a 15 por cento do consumo durante o dia e dez por cento durante a noite. Essas duas unidades reforçaram a geração de mais oito MW, fornecida pela usina térmica da CEB.

A Usina de Paranoá estava programada para iniciar a geração de energia somente a partir do dia 1º de setembro, mas os trabalhos de limpeza e desassoreamento foram interrompidos, obrigando a CEB a fazer um adiantamento dos contratos com as prestadoras de serviços contratadas, aumentando os custos financeiros.

Inicialmente, de acordo com Hamil-

ton Chiarini, a distribuição da energia gerada no Paranoá obedeceu a critérios seletivos. Os hospitais, os órgãos públicos e de segurança nacional foram prioritariamente atendidos.

A Usina do Paranoá tem capacidade para gerar até 27 MW, mas apenas duas unidades estão funcionando. A outra está sob manutenção, um serviço obrigatório em períodos pré-definidos. A barragem apresentava ontem uma evasão de 15 metros cúbicos por segundo, o que é considerado normal nos meses de julho e agosto. O nível do lago registrava mil 04 centímetros acima do nível do mar.

Para viabilizar os serviços de reativação das unidades de geração de energia do Paranoá, o engenheiro Hamilton Chiarini passou todo o dia de ontem mobilizando operários. Foi um trabalho exaustivo, porque tinha que ser concluído antes da noite chegar e foi necessária a utilização de mergulhadores. No início da tarde, uma das grades de retenção de entulhos ficou mal localizada, obrigando os operários a reiniciar os serviços. No final da tarde, porém, a usina já gerava energia para o Distrito Federal.

Usina térmica do SIA entra em ação

O blecaute no sistema de transmissão de energia elétrica fez com que a subestação de emergência do Setor de Indústria e Abastecimento (SIA) entrasse pela primeira vez em funcionamento, após 15 anos desativada. A usina começou a operar às 12h aproximadamente, quando a situação ainda era crítica, mas funcionou apenas enquanto o sistema não se reestabeleceu, segundo informou o diretor-presidente da Companhia de Eletricidade de Brasília (CEB), Paulo Victor de Rezende.

Operando com turbinas a gás, a usina térmica de Brasília gera dez mil kw, cerca de dois por cento do consumo da cidade, e atende somente as proximidades do SIA. A ativação da subestação oito foi necessária, conforme explica Paulo de Rezende, para

desafogar o sistema que chegou a funcionar em apenas 20 por cento de sua capacidade total.

A subestação foi construída em 1962 e ficou fora da operação normal nos últimos 15 anos. Apesar disso, de acordo com o diretor-presidente da CEB, não havia riscos de uma pane no sistema já que mesmo estando desativada, a usina recebe manutenções regulares e está em perfeito estado. A necessidade ou não de se dar continuidade à operação da usina térmica ainda estava sendo analisada pelos técnicos da CEB. A subestação oito foi posta em funcionamento com dois operadores e a greve dos eletricitários, segundo entende Paulo Rezende, não interfere nos serviços prestados pela empresa nem mesmo com o blecaute.